

PROMETEUS - FILOSOFIA

MESTRADO EM FILOSOFIA/ UFS - CATEDRA UNESCO/ ARCHAÍ

JANEIRO - JUNHO DE 2015 - VOLUME 8 - ANO 8 - Nº 17

ISSN: 2176 - 5960

PARA UMA ESTÉTICA EM ANTÍSTENES DE ATENAS

Bruno Karl Matsdorff
Mestrando IFCS- UFRJ

RESUMO: Da obra de Antístenes de Atenas, temos testemunhos e fragmentos. Por conta disso, é difícil estabelecer quais fossem suas reflexões estéticas. Uma análise detida sobre os textos que temos pode fornecer pistas sobre o possível encaminhamento dado por ele à questão. No catálogo de escritos de Antístenes escrito por Diógenes Laércio (D.L., VI, 15), há um título que menciona o belo (καλός). Esse testemunho, aliado ao testemunho de outros autores (como Simplicio e Xenofonte), fornecem indícios para uma reflexão estética cuja origem poderia ser Antístenes. O objetivo do texto não é esgotar, mas suscitar a discussão do tema.

Palavras chave: Antístenes de Atenas. Estética. Filosofia grega. Filosofia helenística.

ABSTRACT: From the works of Antisthenes of Athens, we have testimonies and fragments. Because of that, it is hard to establish what his reflections about aesthetics were. A careful analysis on the texts we have may give us clues about how he possibly tackled that matter. In the catalog os his writings wrote by Diogenes Laertius (D.L., VI, 15), there is a title which mentions beauty (καλός). This testimony, put together with testimonies from other authors (like Simplicius and Xenophon), provide evidences for a aesthetics reflection whose origin could be Antisthenes of Athens. This text doesn't aim to exhaust the subject, but to evoke the discussion about it.

KEYWORDS: Antisthenes of Athens. Aesthetics. Greek Philosophy. Hellenistic Philosophy.

Antístenes de Atenas, discípulo de Sócrates e Górgias¹, filósofo e retor grego do século IV a.C teria escrito tanto que, diante do grande número de suas obras, Tímon² o ironizou chamando-o de prolífico tagarela. Engana-se, porém, quem por isso conclui que temos hoje farto e abundante material para empreender pesquisas capazes de esclarecer noções tão particulares quanto o belo segundo Antístenes. De seu extenso trabalho intelectual, sobraram os títulos dos tratados, catalogados por Diógenes Laércio³, dois discursos completos⁴ e mais alguns testemunhos e fragmentos que, na presente exposição, tomaremos como referência para tentar discernir qual foi a recepção de seus escritos na antiguidade quanto ao tema sobre o qual nos dispomos a falar.

O indício mais claro de que o belo foi tema de reflexão para Antístenes é encontrado no já mencionado catálogo dos trabalhos do filósofo. Entre os títulos listados ali encontramos, no terceiro tomo, um título pertinente ao nosso inquérito: *περὶ νόμου ἢ περὶ καλοῦ καὶ δικαίου*. O texto de Diógenes Laércio frequentemente apresenta problemas de organização que influem no estabelecimento do texto grego e, conseqüentemente, nas traduções da obra. Quanto a esse título de Antístenes, porém, a controvérsia está na tradução do termo *καλοῦ*. Para a versão francesa, Zevort⁵ prefere “De la loi, ou du bien et du juste”. Para a tradução inglesa, Yonge⁶ escreve “On law, or what is honourable and just”, e só Kury⁷ na versão em língua portuguesa prefere “Da lei, ou do belo e do justo”. A escolha de Kury se justifica porque, abrindo os escritos do terceiro tomo, encontramos o título “*περὶ ἀγαθοῦ*”, melhor traduzido por “Sobre o bom ou sobre o honorável” do que “*περὶ καλοῦ*”⁸. A existência de um escrito anterior nomeado “*περὶ ἀγαθοῦ*” torna menos prováveis, segundo nos parece, as traduções propostas por Yonge e Zevort; se seguíssemos a proposta deles, teríamos dois escritos de Antístenes que redundariam no mesmo tema, o que não parece razoável.

Dessa forma, temos motivos para acreditar que o escrito em questão tivesse o belo por tema, mesmo não sendo um tratado estético; o título “*Da lei, ou do belo e do justo*” sugere que Antístenes o teria escrito para persuadir os homens a conduzir suas

1 Segundo nos informa Diógenes Laertius, no livro 6, trecho 1 (ou *D.L.*, VI, 1).

2 *D.L.*, VI, 19.

3 *D.L.*, VI, 15.

4 O discurso de Ajax e o discurso de Odisseu, cf. DECLEVA-CAIZZI, *Antisthenis Fragmenta*, 1990, frag. 14 e 15.

5 Tradução para o francês da obra de Diógenes Laertius realizada por Zevort, 1847, p. 8.

6 Tradução para o inglês da obra de Diógenes Laertius realizada por Yonge, 1853, p. 222.

7 Tradução para o português da obra de Diógenes Laertius realizada por Kury, 2008, p. 156.

8 O vocábulo grego “*καλός*” pode ser traduzido como belo, mas também como bom.

ações segundo a lei e a justiça, e teria identificado essa maneira de conduzir-se com o belo. Considerando que o título principal do texto é “*Da lei*” (περὶ νόμου), cabe investigar o que essa associação poderia revelar sobre nosso tema: segundo Láercio⁹ Antístenes sustentava que “o sábio não deve viver de acordo com as leis vigentes na cidade, e sim segundo as leis da virtude”; esse testemunho nos leva a pensar que Antístenes teria considerado a lei da cidade incapaz de produzir homens virtuosos. O belo agir que deriva da obediência a lei e da ação justa, é o belo agir pautado pelas leis de uma virtude que legisla para além da capacidade de legislação da πόλις. A passagem deixa entrever a crítica de Antístenes ao modelo legislativo ateniense, que é também uma crítica à democracia. Em outra passagem¹⁰, chamando a atenção para o modo como são eleitos os generais atenienses, sugere a estes que passem um decreto estabelecendo que asnos são cavalos; assim como os asnos não podem se tornar cavalos por força da legislação ateniense, homens sem as características desejáveis a um general não podem se tornar generais pela mesma legislação; a mera obediência às leis da cidade não torna alguém virtuoso e, conseqüentemente, belo.

A beleza oriunda da virtude pode ser alcançada pelos que não a possuem, já que a virtude, segundo Antístenes, pode ser ensinada¹¹; resulta disso que a virtude e o belo (aqui já identificado com o belo agir) são um tipo de conhecimento. Como vimos, esse conhecimento está além das convenções sociais; ele ultrapassa os limites dessas convenções e permite a seu possuidor identificar e legislar segundo a lei que merece ser obedecida; se o conhecimento acerca das leis da virtude tem a beleza por resultado, a autonomia do virtuoso e a beleza se confundem. Essa convergência da virtude e do belo é corroborada ainda em outra passagem atribuída a Antístenes¹² onde se lê “o que é bom é belo, o que é mau é feio; considera todas as más ações alheias a ti.”

Esse encaminhamento, contudo, ameaça tomar direção distinta daquela que desejamos dar a esta exposição, o que exige que se recoloque o problema: afinal, que posição estritamente estética teria tomado Antístenes diante do belo? A exemplo da primeira questão, essa também é difícil de responder. Ainda assim, tentemos uma resposta:

A um rapaz que costumava posar como modelo para artistas, ele [Antístenes]

9 D.L., VI, 11. Aristóteles parece estar de acordo com o testemunho de Láercio quanto a isso; cf. Aristot. *Polit.* III, 1284 a 15.

10 D.L., VI, 8.

11 D.L., VI, 10.

12 D.L., VI, 12.

perguntou: 'Se o bronze passasse a ter voz, de que acreditas que ele se vangloriaria?' A resposta foi: 'De sua beleza'. Antístenes redarguiu: 'Não te envergonhas, então, de sentir a mesma alegria de uma coisa inanimada?' (D.L., VI, 9)

Na passagem citada, Antístenes teria se aproximado de um rapaz muito belo enquanto este se regozijava com a própria beleza; sendo ele modelo para artistas, emprestava sua forma para objetos que mais tarde teriam essas mesmas formas admiradas; de fato, a passagem acima, segundo pensamos, é toda ela uma consideração sobre a beleza estética, ou seja, sobre o belo em sua forma plástica. Primeiramente, deve-se entender que é impossível sustentar que Antístenes não tenha concedido ao rapaz a beleza pela qual se arvorava; a pergunta que o filósofo dirige ao rapaz é uma admissão tácita da parte dele que estamos diante de alguém dotado de encantos. O filósofo não deixa de ressaltar, porém, que, pela habilidade dos artistas para os quais o rapaz posava, também os objetos produzidos tendo-o por modelo ostentavam encanto semelhante ao seu; o próprio rapaz admite isso, quando responde a Antístenes que, se pudesse falar, o bronze se vangloriaria de sua beleza. A implicação na passagem é que, embora privilegiado pela posse de inegável beleza, o rapaz não possui por isso uma característica capaz de torná-lo verdadeiramente especial; sua beleza plástica é tão capaz de o distinguir quanto a bela forma em um objeto qualquer; ao pretender se destacar por sua beleza, o rapaz não parece ciente das limitações da beleza estética; exibindo-a com orgulho, dá a si os mesmos usos de um objeto de bela forma. Nessa posição, ele é tão objeto quanto o bronze diante de si. Na segunda pergunta, Antístenes torna evidente sua denúncia: é vergonhoso jactar-se por possuir uma bela forma, pois qualquer matéria que se preste a ser esculpida, ou, como no caso do rapaz, que assuma naturalmente uma forma atraente, guarda a característica com a qual o rapaz pretende se destacar: a beleza estritamente estética, para Antístenes é *ἄψυχος*; sem vida, sem alma.

Embora denuncie a bela forma, Antístenes não nega a beleza do rapaz. Pelo contrário; seu discurso só tem sentido se a reafirmar. Na situação descrita, o discurso de Antístenes não é o primeiro, nem o mais persuasivo; a plástica do rapaz discursiva poderosa aos olhos e contra seus argumentos, Antístenes nada pode dizer. A discussão não é sobre a presença ou a ausência de beleza estética no rapaz, pois quanto a isso não cabe discussão, é mais sobre o valor real dessa beleza, e o que ela é capaz de sinalizar. Com o seu discurso, o filósofo nos ensina a ter cautela diante da persuasividade da beleza estética, seja como possessor, seja como fruidor; para os que se pretendem belos,

a lição é que esse gênero de beleza não sinaliza nem assegura a virtude, ou então seríamos forçados a admitir a virtude de um belo vaso; quanto ao seu valor, Antístenes instrui o rapaz e seus admiradores quanto ao vazio da forma; uma característica pela qual o bronze também pode se orgulhar não é propriamente uma característica dos homens, tampouco deve servir como ferramenta para medir o valor deles; por isso, para um homem, não cabe orgulhar-se e julgar-se favoravelmente por ser belo. Agindo assim, Antístenes emula Sócrates, quando este, segundo Xenofonte, nos dá um exemplo de resistência a persuasividade da beleza estética.

Houve em tempos na cidade, uma bela mulher, de nome Teódota, que acompanhava aqueles que conseguiam aliciá-la. Em determinada ocasião, um dos presentes, referiu-se a ela, dizendo que não havia palavras que pudessem descrever a sua beleza, e que os pintores iam a casa dela para a pintarem e que ela lhes mostrava tudo quanto a decência permitia (*Mem.*, Livro III, XI, 1).

Tanto quanto o belo rapaz inquirido por Antístenes, Teódota era requisitada para posar diante de artistas e regozijava-se em exibir sua beleza. Ao chegar na casa de Teódota, e depois de observar a cena que se desenrolava ali, Sócrates pergunta aos presentes:

- Meus amigos, somos nós que devemos agradecer a Teódota por nos mostrado a sua beleza ou ela que nos tem de agradecer a nós que a contemplamos? Porque se esta exibição lhe é sobretudo útil a ela, ela é que tem de nos agradecer; mas, se nos for útil a nós, então temos de ser nós a agradecer-lhe a ela. Houve alguém que lhe deu razão e ele continuou: - Ela até já está a beneficiar com os nossos elogios e, se correremos a dar a notícia a outros, beneficiará ainda muito mais. Nós, pelo contrário, estamos aqui cheios de vontade de tocar no que vemos, vamo-nos embora desconsolados e, quando estivermos longe, estaremos cheios de saudades. Por essa razão nós somos os adoradores e ela a adorada (*Mem.*, Livro III, XI, 2).

Como Antístenes na conversa com o rapaz, Sócrates reconhece a beleza de Teódota; mas se por um lado Sócrates não nega estar persuadido pela beleza que tem diante de si, por outro, nota a mulher imersa no prazer de exibir-se. Assim como o rapaz que se regozijava por seus encantos, Teódota se deixou persuadir pelo discurso da beleza aos olhos e, tomando-a como característica particular sua, está convencida da própria extraordinariedade.

Sócrates prossegue observando que, embora não possua terras, rendas e escravos, Teódota está fornida de tudo quanto é necessário e vive confortavelmente. Ela explica sua boa fortuna dizendo viver do que recebe dos amigos. Fica evidente que a beleza de Teódota rendia-lhe frutos; embora não possuísse meios de subsistência, seus amigos proviam-na de tudo que necessitasse e em abundância. Xenofonte monta um cenário onde Antístenes também figurou: Teódota julga-se favoravelmente frente as

demais mulheres, persuadida pela própria beleza; seus admiradores, também persuadidos, superestimando o valor da forma, cobrem-na de presentes.

Para demonstrar o efeito nocivo do discurso da beleza aos olhos, da qual a própria Teódota é vítima, Sócrates compara Teódota com uma aranha que, tecendo uma armadilha sutil, serve-se de todos que ficam presos em sua teia¹³. Embora Teódota negue que use expedientes para caçar amigos, segue tentando conquistar Sócrates e envolvê-lo de modo a aproximá-lo de si; insiste para que Sócrates continue a visitá-la e, diante da negativa do filósofo, se dispõe a visitá-lo em vez disso¹⁴. Sócrates alega que seus afazeres o impedem de visitá-la e diz não estar em condições de recebê-la, já que tem em casa alguém a quem ama mais que ela. A resistência de Sócrates frente à beleza de Teódota é o contradiscurso filosófico ao caráter persuasivo da beleza estética; aos presentes no local, Sócrates aponta os benefícios que a mulher colheu junto aos seus amigos, desvelando o efeito pernicioso a que estão submetidos seus admiradores; com isso, ele chama a atenção para a sobrevalorização da forma. A terapia para Teódota parece a mais dolorosa: habituada a sobressair de embaraços pelo poder da persuasão estética, vê-se impotente diante do desencanto de Sócrates, que, vendo através da persuasividade de sua exuberância, a faz vislumbrar a própria ordinariedade.

Os dois casos citados são paradigmáticos porque tanto Antístenes quanto Sócrates estabelecem uma perspectiva que redimensiona o valor e o significado da beleza estética, tanto para os dotados de bela forma, quanto para os admiradores dela. Instruindo o rapaz e a moça sobre a falta de significado e de valor da beleza entendida em sentido estritamente estético, Antístenes e Sócrates os convidam a buscarem para si mesmos características particulares aos homens pelas quais possam se destacar; os dois filósofos fazem isso esclarecendo-os sobre a ausência de significado da bela forma e repreendendo-os por seu orgulho vazio. Aos admiradores do rapaz, a reprimenda de Antístenes expõe a falta de lugar da cena e redimensiona a forma estética; para os admiradores de Teódota, contudo, esse procedimento não bastaria; para despertá-los da persuasividade da forma, Sócrates divulga os usos que a bela mulher dava a seus admiradores, apontando os lucros oriundos da sobrevalorização de sua beleza.

Se da primeira exposição sobre o belo resulta que este guarda semelhanças com as leis da virtude e com a ação justa, na segunda exposição, ao voltarmos os olhos para

13 Mem, III, XI, 6-7.

14 Mem, III, XI, 16-18.

o belo em sentido estético, encontramos sua denúncia no termo ἄψυχος. Mas não estão ambas as noções sob a égide unificadora do termo universal “belo”? Ao discorrer sobre o belo em Antístenes de maneiras tão diferentes, como poderíamos unir as duas exposições de modo a fazê-las convergir para possibilitar a intelecção da essência do belo? A recepção de Simplício aos escritos de Antístenes talvez ofereça uma solução para este problema:

Alguns dos antigos suprimiam completamente a ‘qualidade’, admitindo somente a existência do ‘qual’, como por exemplo, Antístenes, que, discutindo uma vez com Platão, teve a dizer: ‘Ó Platão, vejo o cavalo, mas não vejo a *cavalidade!*’. E este de volta: “Porque tens o olho com que se vê o cavalo, mas aquele com que se contempla a cavalidade não te concedeste (Simpl. in cat. 8. b 2, p. 211, 15)

Segundo o testemunho de Simplício e seguindo a interpretação da filosofia de Antístenes que ele elabora, o filósofo ateniense sustentava, em desacordo com Platão, não ser possível ver a qualidade que reúne as características essenciais dos objetos da percepção. Como Simplício assevera, Antístenes estava entre aqueles filósofos antigos que, suprimindo a existência da qualidade, admitia apenas a existência particular do objeto da percepção. Como o exemplo que ilustra o testemunho de Simplício nos ensina, Antístenes não vê a cavalidade por não haver, segundo ele, cavalidade alguma. O que ele admite é a existência individual do animal que tem diante de si; a existência deste animal não implica a existência de um ente inteligível capaz de guardar em si todas as características particulares dos indivíduos daquela espécie. Dito de outro forma, a existência do cavalo, entendido aqui em sua individualidade, não indica a existência de nada além dele mesmo. No testemunho de Simplício, a universalidade pretendida por Platão, ao defender a existência de uma “cavalidade” que dê conta de explicar aquele indivíduo da espécie, é solapada pela afirmação de Antístenes, cuja implicação é a de que só dispomos do cavalo mesmo para nos ajudar no esforço de explicá-lo. O que Antístenes parece dizer a Platão é que, se ele pretende conhecer o mundo, deve procurar por respostas dentro de seus limites. Como Simplício deixa claro na parte final de seu testemunho, Platão recusa a sugestão e recrimina Antístenes, dizendo-o incapaz de ver a “cavalidade” por não possuir os “olhos” com os quais se pode vê-la.

Por analogia, podemos supor que, para Antístenes, assim como não é lícito recorrer à “cavalidade” para compreender o cavalo, não seria legítimo recorrer ao “belo” (tomado aqui como expressão de uma essência universal aplicável na compreensão de seus casos particulares) para compreender os objetos, seres e ações

belas. Para Antístenes, só é possível conhecer as características de um objeto particular estudando-o particularmente. O “belo” enquanto termo geral, tanto quanto a “cavalidade”, não existe; existem os cavalos, entre eles, alguns belos, outros não. As duas noções de “belo” segundo Antístenes que apresentamos aqui não estão e nem poderiam estar submetidas a uma noção geral unificadora. Para Antístenes, tais noções não teriam lugar no esforço para compreender o mundo, compreensível apenas por um acúmulo de saberes a respeito de casos particulares. A beleza desejável é aquela beleza compreendida como produto da ação justa pautada na obediência às leis da virtude; a beleza estética sem alma, de efeitos perniciosos, deve ser denunciada e redimensionada em seu significado e valor. Para Antístenes, só o conhecimento que traz virtude embeleza; não por acaso, em um dos dois discursos que temos do filósofo, Odisseu diagnostica o mau de Ajax dizendo: “Estás doente de inveja e de ignorância, que são males extremamente contrários entre si; um te faz desejar coisas belas, o outro te afasta delas¹⁵”

15 Decleva-Caizzi, 1990, p. 28; fr. 15, *Declamação de Odisseu*, 13.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ANTÍSTENES, As declamações de Ajax e Odisseu. In: DECLEVA-CAZZI, F. *Antístenis Fragmenta*. 1990. Milão: Varese, 1966.
- DECLEVA-CAZZI, F. *Antístenis Fragmenta*. 1990. Milão: Varese, 1966.
- DIÓGENES LAERTIUS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução de M.G. Kury. Brasília: Editora UnB, 1988.
- _____. *The lives and opinions of eminent philosophers*. Trad. C.D. Yonge. London: Henry G. Bohn, York Street, Covent Garden, 1853.
- _____. *Vies et doctrines des philosophes de l'antiquité*. Trad. M. Ch. Zevort, Paris: Charpentier Libraire-Editeur, 1847.
- SIMPLICIUS, *Commentaria in Aristotelem Graeca: Simplicii in Categorias Commentarium Volumen VIII*. Org. Academiae Litterarum Regiae Borussicae, Berolini: Georgii Reimere, 1907.
- XENOFONTE, *Ditos e feitos memoráveis de Sócrates, Apologia de Sócrates*. In: *Sócrates*. Tradução de Líbero Rangel de Andrade. São Paulo: Abril, 1973. (Coleção Os pensadores).
- _____. *Memoráveis*. Trad. Ana Elias Pinheiro. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2009.